

Vozes nos escombros: a narrativa dos operários na história de Petrópolis durante a Primeira República

Voices in the ruins: the narrative of workers in the history of Petrópolis during the First Republic

Ernane Souza*

Dejanira de C. Martins**

Resumo: O presente artigo busca discutir e problematizar o silenciamento e a invisibilização da trajetória e da narrativa da classe operária na história oficial da cidade de Petrópolis durante a Primeira República (1889-1930). Este trabalho busca demonstrar como essa produção local foi profundamente influenciada pelas correntes historiográficas tradicionais, prestigiando certos grupos em detrimento de outros, fortalecendo uma narrativa lúdica, imperial e burguesa-industrial ligada a grandes feitos, datas, personalidades ilustres e à ideia de progresso técnico, em contrapartida ao escamoteamento constante dos subalternizados. Uma história de vencedores sobre vencidos. A temática nem sequer é discutida com profundidade dentro da disciplina de HGPT-ET, com essa classe de trabalhadores sendo tratada apenas como coadjuvante. As discussões estabelecem uma ponte com as reflexões de Walter Benjamin e sua história dos subalternizados, desenvolvida em suas *Teses sobre o conceito de história*, o que evidencia a importância de contar a história dos operários, suas lutas, vivências, greves, sindicalismo, manifestações, imprensa, experiências, cultura e narrativas. Como base para discussão sobre narrativa e discurso, foram utilizados jornais operários, depoimentos, relatos, documentários, podcasts, além de obras de autores ligados à discussão do trabalhador e do operariado, de modo a fundamentar a relevância dessa classe dentro da identidade histórica petropolitana como um todo.

Palavras-chave: Operários; Petrópolis; Silenciamento.

Abstract: This article seeks to discuss and problematize the silencing and invisibilization of the trajectory and narrative of the working class in the official history of the city of Petrópolis during the First Brazilian Republic (1889–1930). This work aims to demonstrate how such local historiography was deeply influenced by traditional historical currents, favoring certain groups to the detriment of others, and reinforcing a playful, imperial, and bourgeois-industrial narrative tied to great achievements, commemorative dates, illustrious personalities, and the idea of technical progress, while constantly concealing the subalternized. A history of winners over the defeated. The topic is not even thoroughly examined within the HGPT-ET discipline, with this class of workers being treated merely as a supporting element. The discussions establish a bridge with Walter Benjamin's reflections on the history of the subalternized, developed in his *Theses on the Philosophy of History*, highlighting the importance of telling the history of workers—their struggles, experiences, strikes, unionism, demonstrations, press, culture, and narratives as a basis for the discussion on narrative and discourse, workers' newspapers,

* Graduando em História na Universidade Católica de Petrópolis.

** Graduada em História na Universidade Católica de Petrópolis.

testimonies, accounts, documentaries, podcasts, and works by authors related to the study of labor and the working class were used in order to support the relevance of this group within the broader historical identity of Petrópolis.

Keywords: Workers; Petrópolis; Silencing.

INTRODUÇÃO ACERCA DA HISTÓRIA OFICIAL DE PETRÓPOLIS E SUAS PROBLEMÁTICAS

Grande parte de nossa história foi contada a partir de um viés elitista e centrada em grandes feitos, com destaque para as classes dominantes. Memorizamos nomes de imperadores, princesas, presidentes, políticos, empresários e datas importantes. No entanto, nesse processo, a experiência e as lutas dos subalternizados foram deixadas de lado. Escravizados, certos grupos de imigrantes, minorias e operários ficaram em segundo plano. Em Petrópolis, isso também aconteceu. O slogan turístico “Cidade Imperial” fortalece essa narrativa; enquanto a trajetória operária – ponto tão forte na história da cidade – acabou ofuscada pela imagem do local da “residência de veraneio da família imperial” ou como palco de destaque para políticos e personalidades de prestígio.

A disciplina de História e Geografia de Petrópolis, Turismo e Educação para o Trânsito (HGPT/ET), por exemplo, não possui uma unidade ou sequer um tópico específico para trabalhar a história do operariado na cidade.

Em relação a temática dos operários, nota-se uma clara exclusão do assunto nos cadernos pedagógicos da disciplina. São meramente citados quando as fábricas são abordadas. No entanto, Petrópolis possuía uma massa operária considerável, devido a grande quantidade de indústrias. A cidade foi palco de intensa mobilização por parte desses trabalhadores, entre elas greves, protestos, campanhas e movimentos de cunho anarquista e comunista. Essas experiências são fundamentais para a compreensão da formação social do município. As condições de vida precárias, as explorações, os baixos salários e os bairros operários revelam o cotidiano desses trabalhadores; ao mesmo tempo que a imprensa voltada a esse grupo e as lutas por direitos mostram a capacidade de organização e resistência que deixaram marcas profundas, ainda que pouco lembradas pela história oficial.

Este trabalho busca lançar luz sobre a narrativa desses trabalhadores na cidade de Petrópolis, problematizar o silenciar de suas vozes a partir das reflexões de Walter Benjamin sobre a história dos sujeitos subalternizados e suas experiências, e o papel do

historiador perante esse apagamento. Nesse sentido, pretende-se mostrar que a trajetória petropolitana não se resume apenas às figuras ilustres, mas inclui também os esforços, resistências, os discursos e as conquistas daqueles que ficaram à margem da narrativa dominante. Nos utilizamos de jornais da época e depoimentos desses trabalhadores e indivíduos próximos para maturar e desenvolver a discussão.

A HISTÓRIA DOS OPERÁRIOS (1889 – 1930)

A cidade de Petrópolis vivenciou, entre meados do século XIX e a primeira metade do século XX, um processo de profundo crescimento industrial, principalmente no setor têxtil – clima local propício para essa área. As primeiras indústrias foram fundadas ainda na década de 1870, como a Companhia São Pedro de Alcântara e a Companhia Petropolitana. Posteriormente, em 1889, surgiu a Fábrica Dona Isabel e, já no início do século XX, a Companhia Cometa (Ambrozio apud Mesquita, 2011, p. 1).

Concomitantemente ao surgimento, a cidade dispunha de um número grande de trabalhadores para suprir a crescente mão de obra fabril, como demonstra Christian Nunes (2025) em matéria para o *A Verdade*, de 23 janeiro 2025:

Em 1873, um tempo após a família imperial comprar terras em Petrópolis, surgiu a primeira fábrica de tecidos em Petrópolis, e nos anos seguintes, a classe operária crescia na cidade. Alguns fatores motivaram o aparecimento de muitas fábricas nos anos seguintes: A cidade ser próxima do Rio de Janeiro, a existência de um grande potencial hidrelétrico para as fábricas por conta dos rios e haver a situação de desemprego de muitos operários após o término da construção da Estrada União Indústria, o que originou uma mão de obra barata (NUNES, 2025).

O aumento de trabalhadores de fábricas na cidade, juntamente com o desenvolvimento fabril ao longo do final do período imperial e da Primeira República, consolidou uma realidade operária marcada por greves, protestos e estratégias de resistência e negociação entre patrões e empregados, além de uma cultura e narrativas próprias, baseadas em suas experiências, vivências e em seu cotidiano (RIBEIRO, 2024). Antes de irmos além, é importante dizer que não basta só indústrias e trabalhadores para

formar uma classe operária. Edward P. Thompson (1987) e Cláudio Batalha (2024) convergem ao falar sobre a importância da experiência adquirida e passada por essa classe operária e da consciência de classe desenvolvida por este grupo. Thompson, no prefácio de *A Formação da Classe Operária Inglesa* fortifica que a “A classe operária não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio fazer-se.”, ou seja, que se construiu com o passar do tempo. Mais à frente ele continua a discorrer sobre o assunto elencando fatores como experiência, história e consciência como vitais para tal composição:

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma "estrutura", nem mesmo como uma "categoria", mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. Ademais, a noção de classe traz consigo a noção de relação histórica. Como qualquer outra relação, é algo fluido que escapa à análise ao tentarmos imobilizá-la num dado momento e dissecar sua estrutura. A mais fina rede sociológica não consegue nos oferecer um exemplar puro de classe, como tampouco um do amor ou da submissão. A relação precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais (THOMPSON, 1987, pp. 9-10)

Claudio Batalha, em *A Formação da Classe Operária e Projetos de Identidade Coletiva*, presente no livro *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo oligárquico* (2024), complementa essa temática ao falar que a essência e a experiência constroem essa classe, mas consiste em um processo demorado, podendo levar gerações para se construir. Vale salientar que, tanto para esse autor quanto para Thompson, essas experiências são transmitidas por memórias, vivências de trabalho, comunidade, luta, entre outros fatores. Aplicando esses fatores a Petrópolis, podemos visualizar essa formação completa com 2 ou 3 gerações à frente, mostrando sua força justamente no período republicano. Além do espaço fabril, essas questões apareciam na política, no cotidiano e nos espaços de sociabilidade do operariado, como panfletos, imprensa, clubes e associações.

Nessa época, jornais como o *Commercio* e *A Alvorada* desempenharam papel central nas reivindicações desses indivíduos. Eles mostravam a realidade dos operários, suas indignações e frustrações, e ajudavam na união e na luta. Ali se via que os trabalhadores tinham consciência dos seus direitos e buscavam melhorias. As greves e protestos provaram a força desse grupo, que, mesmo sofrendo com repressão e

dificuldades, lutou e fez-se presente como parte da história da cidade. Ao noticiar uma paralisação em Petrópolis, um dos jornais destacou as reivindicações dos operários:

Assim é que hontem, á tarde, paralyzaram-se os trabalhos da fabrica Cometa, do Alto da Serra, porque os seus operarios reclamam 20% de augmento nos salarios, inicio do trabalho ás 6 horas e a terminação às 5 da tarde, a faculdade da aquisição de panno por metro e melhor remuneração do serviço nocturno.

Hoje deve subir a esta cidade o director presidente da companhia, afim de resolver sobre as reclamações feitas (O COMMÉRCIO, 1917, p. 1).

Isso também se refere ao fato de que entre 1917 e 1920 o Brasil foi palco de uma onda grevista que atingiu diferentes regiões do país, dando o pontapé inicial com a Grande Greve Geral de 1917, impulsionada por reivindicações salariais, por melhores condições de trabalho, redução da jornada de serviço, exploração de menores, entre outros. Petrópolis também foi afetada por esse cenário.

As reações, contudo, variaram entre as fábricas. A Companhia Petropolitana, localizada no bairro Cascatinha, não aderiu a essas greves:

Não que os movimentos grevistas não ocorressem naquela companhia, muito pelo contrário, eles foram recorrentes em outros momentos. Acontece que naqueles anos formou-se no interior daquela fábrica uma conciliação entre patrões e empregados; os patrões da Petropolitana citam em seus relatórios anuais que várias benevolências foram concedidas ao operariado; tais como jornadas reduzidas de trabalho (oito horas, o que naquele momento era uma exceção), além de casas a preços módicos na vila operária que ficava entorno da Companhia, a construção de igreja para atender ao operariado católico, clubes, saraus e até campo de futebol (MESQUITA, 2011, p. 2).

Os trabalhadores suspenderam as atividades reivindicando um aumento salarial de 20%, a redução da jornada para oito horas diárias e uma melhor remuneração para os trabalhadores noturnos. Esses protestos, evidenciados nos jornais da época, reforçam um espírito revolucionário (*zeitgeist*) promovido pelos trabalhadores, que tomou conta de todo o país.

Em específico a Companhia Cometa, fundada em 1903 por Cavaliere Pareto, no Alto da Serra, tornou-se centro de mobilização operária. Em 1918, os trabalhadores entraram em greve contra a demissão de 14 companheiros e em protesto à recontração

do chefe das caldeiras, acusado de incompetência e agressões (Machado apud Mesquita, 2011, p. 3).

Durante a greve, que se prolongou por cerca de um mês, a União dos Trabalhadores de Petrópolis desempenhou um papel importante organizando reuniões, discursos e campanhas. Apesar das tentativas da direção da fábrica de enfraquecer o movimento, como o adiantamento de salários, os operários mantiveram-se firmes. Esse grupo de trabalhadores chamava os operários para se juntar e lutar juntos, dizendo que a falta de união atrapalhava a conquista de direitos.

A paralisação só foi resolvida em agosto de 1918, após negociações entre representantes da União, autoridades municipais e a diretoria da Companhia. O acordo final permitiu a readmissão dos demitidos e representou uma vitória parcial dos trabalhadores, que demonstraram maturidade política e capacidade de organização. A greve da Companhia Cometa evidencia como a experiência operária em Petrópolis estava inserida nas dinâmicas mais amplas do movimento social brasileiro do início do século XX. Enquanto algumas fábricas, como a Petropolitana, recorreram a conter protestos, outras, como a Cometa, sofreram diretamente com os conflitos.

Ainda em 1918, o mundo passava pelo fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), suas consequências e o começo da pandemia da Gripe Espanhola. Em publicação ao Instituto Histórico de Petrópolis, em 2010, o professor e membro da Instituição, Oazinguito Ferreira da Silveira Filho, analisou a chegada da enfermidade a Petrópolis por meio de periódicos, sobretudo locais. Já em outubro de 1918, o primeiro caso foi contabilizado, sendo o de um soldado local que estava de visita à família em Cascatinha. Na época, a cidade passava por uma querela envolvendo os códigos sanitários e a mudança das condições de saneamento e higiene no município e nas fábricas. Protestos e referendos já haviam sido realizados por parte dos trabalhadores fabris, exigindo melhores condições no ambiente de trabalho. Em alguns dias a situação piorou, com vários casos sendo identificados em toda cidade, sobretudo nas fábricas, como acentua o autor:

No dia 12 estende-se a possibilidade de oito casos. Daí em diante, as notícias não são nada agradáveis, pelo contrário elas tornam-se alarmantes. Somente no dia 16 a Inspetoria toma a iniciativa de desinfetar casas onde existiam enfermos. O mal já se alastrava no meio operário, nas fábricas São Pedro de Alcântara e Dona Anna (Morin)

alguns já haviam se retirado para suas residências já se calculando em cerca de 200 pessoas atacadas em toda a cidade (SILVEIRA FILHO, 2010)

A situação gerou uma profunda crise na cidade, indo desde o setor fabril até o comércio. Jornais notificavam a falta de alimentos e o consequente aumento nos preços. O número de mortos só fazia aumentar. Uma política de quarentena foi baixada, com escolas e outros serviços sendo fechados. Uma crise na disponibilidade de coveiros levou a problemas no sepultamento dos corpos. As camadas mais pobres foram mais afetadas que as mais abastadas, segundo os dados e levantamentos do professor Oazinguito (2010). Ao final de dezembro a situação foi atenuando, mas os problemas e as marcas que havia causada ainda eram profundas.

Os episódios de 1918 revelam tanto as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores em um contexto de crise econômica e sanitária, quanto a construção de uma cultura política baseada no corporativismo, na solidariedade e na luta coletiva por direitos. Nesse sentido, a história operária petropolitana contribui para compreender as tensões sociais e políticas da Primeira República e ilumina as estratégias de resistência que marcaram a trajetória da classe trabalhadora brasileira.

Durante a década de 1920, uma série de crises, manifestações e greves tomaram as ruas do País. Petrópolis sentiu em cheio as consequências dessas ebulições. Segundo Pedro Paulo Aiello Mesquita (2012), o ramo têxtil foi profundamente impactado, principalmente porque o preço do algodão interno subiu muito, enquanto o preço do tecido pronto caiu. A Companhia Petropolitana, por exemplo, passou por grandes dificuldades financeiras e logísticas, a instabilidade era tanta que foi organizada uma greve em 1927.

Em outubro de 1929, ocorreu a quebra da bolsa de valores de Nova York, causando uma crise mundial sem precedentes. A Grande Depressão teve impactos profundos na economia brasileira, que viu seu número de exportações diminuir consideravelmente e suas finanças penderem para o negativo. Fábricas foram à falência, ocorreram cortes expressivos de gastos e demissões em massa. Em Petrópolis, a situação já não andava bem. Os problemas no setor têxtil ainda permaneciam. Algumas fábricas estavam com o maquinário parado e os trabalhadores em casa já ao final da década, as consequências do *crash* serviram como pá de cal para muitas delas.

Na Companhia Petropolitana, houve uma queda na quantidade de operários, sendo a redução de 55 homens e 30 mulheres apenas no ano de 1929, segundo tabela organizada pelo professor Pedro Paulo Aiello Mesquita (2012), que pesquisou diretamente nos registros da fábrica. Ele argumenta também que a diretoria reduzia o número de homens mais do que o das mulheres, pois estes "tinham os salários mais altos".

Os trabalhadores tinham consciência da situação e reagiram com uma greve, conforme expressou Sylvia Rabello no *Jornal de Cascatinha*:

...convivo quasi só com pessoas operarias e, acho que essa classe é digna de que nós a respeitemos e a defendamos. Ella é constituída de pessoas honestas, que luctam quotidianamente com o trabalho para ganhar o pão mirrado de cada dia. E se um dia esses honrados operários vêm-se usurpados, não podem então reclamar? Não podem protestar. Fazer ver os seus direitos? Claro que sim, porque todos têm o direito de reclamar justiça.

Elles trabalham annos e annos, vão se definhando para enriquecer industriaes gananciosos que não sabem compensar esse sacrificio do pobre operario e chefe de familia.

Sí estão no seu direito e fazem uma greve, como ha poucos dias, são maltratados, por que não se é alguém que diga: “para essa gentinha só patas de Cavallo”, é a policia que vêm com toda a brutalidade.” (RABELLO APUD MESQUITA, 2012, p. 71).

É importante destacar que a vida do operariado em Petrópolis não se resumia apenas ao chão das fábricas; ela se desenrolava em uma complexa rede de sociabilidade que abrangia suas moradias, educação, sociabilidade, cultura memória e organizações de luta do movimento.

As vilas operárias, como a da Companhia Petropolitana, foram cruciais para a dinâmica social, especialmente em localidades mais afastadas do centro da cidade, como Cascatinha. Essa fábrica, por exemplo, oferecia moradias aos seus trabalhadores, compreendendo a uma grande vila operária com quase 300 casas, morando desde operários até a administradores. Em depoimento ao documentário *Por Petrópolis: a indústria, música, religião e educação na construção da história de Cascatinha*, realizado pelo SOS Serra e site Petrópolis Sob Lentes, o senhor Adilson Leonardo, ex-funcionário da fábrica fala com carinho e nostalgia de suas lembranças e dos momentos passados ali. Ele pertence a terceira geração de sua família que trabalhou no local e se lembra do “microcosmo” que era cascatinha naquela época. Lembra-se que a fábrica oferecia creche,

educação, cursos, lazer, áreas de convivência, além de incentivar manifestações culturais como festas e festivais da comunidade.

As associações operárias também priorizavam a educação. O Grêmio Artístico Renovação, ligado ao periódico anarquista *A Alvorada*, era uma organização que estava relacionada a função educacional e social entre os trabalhadores. Na primeira edição do jornal, de 31 de março de 1921, noticiava uma matéria sobre o ensino de esperanto:

Como ja foi largamente anunciado, o Gremio Artistico Renovação iniciou uma aula diaria de esperanto, no dia 15 proximo passado com o numero de 15 allumnos, que irão penetrar, pouco a pouco, na senda do conhecimento, da intrucção, que é luz e espanca as trevas da ignorância. Este mesmo Gremio não se limita a proporcionar ao seus associados e trabalhadores em geral, tão sómente, o conhecimento da lingua esperantista.

Não! A sua esphera de acção vai mais longe, a sua orbita de propaganda é muito mais extensa.

Propõe-se o Gremio Artistico Renovação a propagar os conhecimentos mais concretos possíveis por intermedio da musica, do theatro da escola das conferecias e do livro, contando com um nucleo de homens de boa vontade a sua frente os quaes não pouparão esforços para lograr o exito mais completo. O progamma deste Gremio é tão util aos trabalhadores como asassociações de classe e, como estas necessita da boa vontade e apoio destes, para progredir e tornar-se cada vez mais prestativo a quelles que tanto neecessitam de intrucção como pão para bocca, Ha um proverbio, cuja alta significação de verdade nunca deveria ser esquecida pelos trabalhadores. E' o seguinte: Cuidae do corpo sem desprezar oespirito."

E' uma verdade que resuma logica incontestavel, porque, de fecto todos os homens e mulheres, velhos e moços, jamais deverão esquecer-se dos, seus corpos e dos seus espiritos procurando sempre equilibrar a normalidade das funções de ambos (A ALVORADA, 31 mar. 1921, p.1).

Pedro Paulo Aiello Mesquita (2012), fala especificamente sobre essa passagem no jornal e argumentando com pesquisas de Américo Falleiro fala que:

A meta de tal projeto era equiparar o conhecimento do operariado ao da burguesia - tal como as classes são por ele designadas - fazer com que o operário não descuidasse do crescimento intelectual, pois além do pão material a ser reivindicado nos protestos, havia o pão para o espírito a ser adquirido por meio do conhecimento (MESQUITA, 2012, p. 102).

A AUSÊNCIA DO OPERÁRIO NA DISCIPLINA DE HGPT/ET

Na dimensão educacional escolar, a narrativa do operariado em Petrópolis ocupa um espaço reduzido tanto na produção acadêmica, escolar, quanto na história da cidade. Nos materiais didáticos, da disciplina de História e Geografia de Petrópolis, Turismo e Educação para o Trânsito (HGPT-ET), ainda é clara a narrativa que privilegia figuras como a família imperial, grandes empresários, imigrantes europeus e políticos carismáticos como os grandes protagonistas, mas invisibiliza trabalhadores, escravizados, imigrantes não europeus e operários. Analisando o caderno de apoio disciplinar do 9º ano, que aborda desde o Segundo Reinado a República, nota-se que não há uma unidade ou um tópico que aprofunde a temática em questão. O referencial curricular do segundo segmento do município também não discorre em nada sobre o conteúdo. Esse contingente social é colocado no papel de mero coadjuvante, como se não tivesse relevância na história local. As fábricas são os sujeitos, protagonistas, enquanto os operários são meros coadjuvantes.

No grande meio popular, a situação é um pouco ambígua. As experiências de greves, associações, sindicatos e táticas de resistência que marcaram a vida operária em Petrópolis são pouco conhecidas e dificilmente transmitidas entre gerações. No entanto, em alguns locais, como nas antigas vilas operárias, arredores das fábricas e comunidades com ex-trabalhadores desses locais, podemos ver um certo culto as memórias desse passado e uma valorização dessas agremiações. Podemos observar tal fato em regiões como Cascatinha, Morin, Alto da Serra, Meio da Serra, centro e seus arredores. Trabalhos como o do SOS Serra e do Petrópolis Sob Lentes ajudam a resgatar um pouco desse passado subalterno da cidade. Trazendo luz sobre às vivências, as tradições, as jornadas e lutas diárias desses indivíduos. Ponto esse que a história oficial de Petrópolis não realiza, e não divulga.

Essa ausência reforça a ideia de que a história da cidade é exclusivamente marcada pela presença da família imperial ou pelas elites industriais, apagando a participação dos trabalhadores, homens e mulheres que construíram, mantiveram e sustentaram Petrópolis. A economia local ruiria se não fossem eles, especialmente o setor fabril.

Além disso, a cidade não preserva adequadamente os espaços ligados a esse passado. Não existe, em Petrópolis, um museu que conte a história do trabalho e das lutas

operárias. Muitas das antigas fábricas encontram-se em ruínas, abandonadas ou descaracterizadas, algumas tornaram-se galpões e até estacionamentos. Assim, a narrativa do operário segue invisibilizada, quando deveria ser reconhecida como parte central da história petropolitana.

O pesquisador Oazinguito Ferreira Silveira Filho (2016) denomina esse apagamento como a criação de uma "outra Petrópolis", um "invisível universo operário" sistematicamente secundarizado e subalternizado na memória e na história local.

O DISCURSO OPERÁRIO

Não podemos discutir sobre o operariado exclusivamente a partir de um ponto de vista afastado — o olhar de cima de um intelectual, ou da elite, ou do governo que analisam e problematizam os fatos. É necessário que o próprio indivíduo fale por si, a partir do seu próprio discurso, do seu próprio prisma e de sua própria realidade. Os jornais operários, os panfletos, as cartas, depoimentos e relatos nos aproximam de sua visão e perspectiva, evidenciando de fato o que era a narrativa dessa classe de trabalhadores na Petrópolis fabril.

Podemos observar a força que a imprensa operária tinha e impulsionava dentro desses núcleos de trabalhadores. Esses jornais e folhetins são fontes cruciais para compreender a articulação, as socializações, preocupações, objetivos e as mobilizações em prol de direitos trabalhistas. Contudo, poucos exemplares chegaram até os dias de hoje. O professor Oazinguito Ferreira Silveira Filho (2016) ressalta que a preservação da memória e do acervo documental desse movimento foi negligenciada em Petrópolis, diferentemente do que ocorreu em outras capitais do país. Essa ausência de um acervo organizado contribui para que as lutas e o protagonismo dos operários permaneçam fora da história da cidade. Como se observa:

Os testemunhos orais de diversos ex-operários que nos chegaram, por intermédio dos mesmos ou de seus filhos, nos dão conta de invasões às inúmeras associações por parte de “paus mandados” de gerentes, mestres e proprietários, assim como também da própria polícia completamente fiel aos gerentes e industriais, responsáveis pelo “comportamento moral dos trabalhadores”. E nestas invasões, muitos dos documentos, fotos, e da história do movimento operário local se

perdeu em incêndios “fabricados” pelas forças opressoras em suas visitas aos sindicatos e associações. Ou simplesmente jogados ao lixo, por funcionários ignorantes ou acovardados. Como exemplo, deve-se observar o realizado não somente na década de 60 na associação dos funcionários da Leopoldina, como na dos Têxteis (55), onde muita documentação foi apreendida e até hoje continua com destino ignorado, segundo seus ex-funcionários. Arquivos das fábricas também cujo destino encontra-se desconhecido. Quem sabe com a abertura para pesquisa do material da delegacia de polícia de Petrópolis, incorporado ao Museu Imperial, dúvidas possam ser solucionadas (SILVEIRA FILHO, 2014).

A Alvorada, por exemplo, de cunho anarquista, somente 5 edições restaram e só 3 se encontram na cidade. Estão deterioradas e por muito tempo não foram conservadas adequadamente – fato que se percebe ao analisar os documentos. Ainda assim, elas nos contam muito sobre o operariado e suas questões. A primeira edição do jornal já demonstra seus propósitos de antemão. Abaixo do nome do jornal está a frase “porta voz das classes operárias” salientando seu compromisso para com essa classe. Logo na capa, na matéria “Antes de tudo” podemos analisar seus objetivos e interesses:

Apparece hoje o nosso primeiro numero da “Alvorada”.
O operariado, o povo, quer, com todo o direito, pois que é orgam da defesa dos seus interesses e direitos, saber qual a sua attitude, a sua orientação. Muito bem.
Dessa tão complicada cousa de “orientação”, quando se trata de um jornal operario, quasi não pagava a pena tocar.
Não queremos todavia, fugir a esse dever para com o publico, e mais ainda para com o operariado a quem de melhormente nos teremos de dirigir.
Assim, saibam todos os nossos leitores, que é nossa orientação, o que muito tem faltado aos obreiros — propaganda socialista-associativa.
Em torno da nossa orientação, havemos de bordar estudiosos commentarios sobre a tão palpitante Questão Social, tão discutida e estudada por competentes sociologos brasileiros.
Eis em poucas palavras o que queremos com nosso órgão “A Alvorada”, que hoje aparece, entregando a sua existencia a todos os amigos que ainda não esmoreceram da luta travada para a conquista de melhores dias em pról do povo, dos trabalhadores, da humanidade.
E’ só (A ALVORADA, 31 mar. 1921, p.1).

Esse periódico era de natureza popular, gerido por operários e para operários, a fim de informá-los e conscientizá-los, além de divulgar descobertas, datas comemorativas, propagandas, expor situações, noticiar e tabelar preços e entre outros. Diferente de outros jornais, os do operariado davam enfoque a questões mais basilares e fundamentais a realidade do trabalhador fabril. Na edição número 5 d’*A Alvorada*, de 15

de novembro de 1921, em matéria de capa estava *A Carestia da Vida*, logo abaixo com a frase “Corre perigo às 8 horas e às porcentagens conquistadas”. O texto dizia:

Enquanto dorme o operariado que trabalha em fabricas de tecidos, os industriaes das mesmas cosem, concertam planos para derrubarem às 8 horas e às porcentagens conquistada pelos seus operarios.

Não acreditamos que os trabalhadores das fabricas, neste momento em que tudo custa os olhos da cara, tudo está pela hora da morte, se esqueçam que os seus exploradores durante a carnificina europea, ganharam similares de contos de reis, fizeram fortunas fabulozas, enriqueceram seus afiliados e capangas, á custa dos que trabalham ainda hoje dentro das fabricas de tecidos. É sabido que todas as mercadorias de que se serve a indústria textil, custavam no periodo da guerra, uma vez mais do que em tempo de paz.

Esse unico argumento que os srs. industriaes apresentam, cae pela base, visto como esses mesmos srs.vendiam e vendem ainda hoje os productos das suas industrias.

Para arrancarem as concessões feitas aos trabalhadores, que é a porcentagem e às 8 horas de traba-lho, dizem elles “o estado do cambio nem atrapalha os negócios” e para melhor argumenta dizem: que “o algodão deu baixa”, e, o que elles teem em cara custou trez vezes mais.

Por ventura, somos os trabalhadores das fabricas, os culpados do que acontece. Não, nada temos com o peixe.

Sabemos, é, que os gorduchos industriaes não nos mordem o dedo. Falem a verdade (A ALVORADA, 15 jun. 1921, p.1).

A matéria continua com críticas ao governo e aos “gorduchos” industriais, conclamando o povo a reagir e lutar por seus direitos. As duas passagens já apresentadas salientam a força, o cuidado e a capacidade de sociabilidade que tais instrumentos possuíam. Oazinguito (1982), em sua publicação *Processo de Indexação dos Jornais Operários Petropolitanos*, salienta como esses jornais, panfletos e folhetins possuíam a capacidade de mobilizar e sublevar a classe operária. Ao noticiar um acontecimento como o citado acima, dependendo de sua magnitude, ele poderia levar a greves, protestos, manifestações e até conflitos. Em coluna de outubro de 1917, do jornal *A Ordem*, ameaçava-se expor o nome de contramestres que maltratavam operárias na fábrica do Morin. No sentido político, esses documentos também divulgavam os partidos operários da cidade, como o Partido Operário Autonomista (POA) e o Partido Operário de Petrópolis (POP), salientando a importância da representação da classe operária junto ao poder público, bem como a necessidade de conscientização e cuidado ao votar e cobrar de seu candidato as promessas de campanha. Ademais, esses jornais divulgavam festas populares, clubes, escolas sindicais e manifestações culturais dessas comunidades, entre outros.

A figura dos sindicatos é de suma importância para compreender os movimentos trabalhistas. Em Petrópolis, cada fábrica possuía seu próprio sindicato, que se empenhava na luta por melhores condições de salário e de vida, além da garantia dos direitos do trabalhador. Organizavam greves, passeatas, manifestações, festas, eventos, possuíam escolas voltadas para os filhos e membros da associação, além de cursos profissionalizantes entre outros. Um desses locais funcionou no endereço correspondente ao atual nº 1033 da Rua do Imperador, um sobrado de cor terracota alaranjada, acima de onde hoje funciona a padaria Sul Americana.

No campo de depoimentos e relatos, temos declarações de antigos funcionários, de seus filhos e netos, que contam a história de suas famílias com orgulho e empolgação. Em Cascatinha, por exemplo, Rosane Borsato, filha da vereadora Wilma Borsato, tornou-se uma referência para o entendimento da história do bairro. Em entrevista ao podcast Petrópolis Sob Lentes, ela disse que continuou os passos da mãe, que iniciou o trabalho de divulgar e criar locais de memória para a comunidade operária daquela localidade. Sua família criou, com o apoio de descendentes daqueles trabalhadores e da administração da Cia. Petropolitana, um arquivo histórico para preservar esse passado. A própria Rosane fala da experiência e narrativa de sua família, que por gerações trabalhou naquela fábrica e ajudou a construir aquela comunidade, como seu avô, sua mãe e seus familiares como um todo.

REFLEXÕES ACERCA DE WALTER BENJAMIN E A HISTÓRIA DOS DERROTADOS

O filósofo e historiador alemão Walter Benjamin (1892-1940) foi um profundo crítico das narrativas históricas de sua época. Contestava tanto o positivismo quanto o historicismo (historiografias tradicionais). Era associado ao círculo da Escola de Frankfurt, mas também se opunha a muitas de suas ideias. Em suas obras, podemos observar uma profunda reprovação a questão do progresso, ideia de tempo como avanço linear e técnico, protagonismo das grandes datas e eventos, da história universal, das causas e efeitos e da narrativa dos grupos dominantes. Ele argumentava que essa história produzia grandes lacunas e focava na vida das grandes figuras, como reis, generais e homens ricos, mas apagava os vencidos, as vozes que foram massacradas pela marcha do

progresso. Em suas proposições, a narrativa dos homens era constituída a partir de suas experiências. Se você não as tinha, você não possuía a história efetiva dessa gente. O teórico ressaltava que com o capitalismo e o Estado (a seu serviço) buscam constantemente o silêncio das classes populares, aquele que consegue acumular e passar sua experiência está a exercer um ato de resistência (Benjamin, 1987).

Esse ponto foi mais debatido em suas *Teses Sobre conceito da História* (1940), Segundo Benjamin, em sua tese VII:

Não há documento de cultura que não seja também documento de barbárie. E, do mesmo modo que ele não pode libertar-se da barbárie, assim também não o pode o processo histórico em que ele transitou de um para outro. Por isso o materialista histórico se afasta quanto pode desse processo de transmissão da tradição, atribuindo-se a missão de escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 2012, pp. 9-10)

Nesse trecho, possuímos 2 pontos de interesse a serem discutidos. Primeiro, de ressaltar que a barbárie também é um elemento presente de cultura, ou seja, utilizado por ela. A marcha do progresso foi balizada por violência e opressão. Michael Löwy (2011) usa o exemplo dos arcos do triunfo para falar dessa “unidade contraditória” que Benjamin lança. Celebram vitória e progresso, mas representam as barbáries também, escondendo os derrotados, não há memorial para estes. O segundo ponto a ser destacado é o final, a história a contrapelo, que vai contra a direção da narrativa dominante, e parte da perspectiva do dominado. Para o autor, não constar a narrativa desses indivíduos seria matá-los mais uma vez.

Na tese número II, Benjamin diz:

“Entre as mais notáveis características do espírito humano”, diz Lotze, 1 “conta-se [...], no meio de tantas formas particulares de egoísmo, a ausência generalizada de inveja de cada presente em relação ao seu futuro.” Essa reflexão leva a que a imagem de felicidade a que aspiramos esteja totalmente repassada do tempo que nos coube para o decurso da nossa própria existência. Uma felicidade que fosse capaz de despertar em nós inveja só existe no ar que respiramos, com pessoas com quem pudéssemos ter falado, com mulheres que se nos pudessem ter entregado. Por outras palavras : na ideia que fazemos da felicidade vibra também inevitavelmente a da redenção. O mesmo se passa com a ideia de passado de que a história se apropriou. O passado traz consigo um index secreto que o remete para a redenção. Não passa por nós um sopro daquele ar que envolveu os que vieram antes de nós ? Não é a voz a que damos ouvidos um eco de outras já silenciadas ? As mulheres que cortejamos não têm irmãs que já não conheceram ? A ser assim, então

existe um acordo secreto entre as gerações passadas e a nossa. Então, fomos esperados sobre esta Terra. Então, foi-nos dada, como a todas as gerações que nos antecederam, uma tênue força messiânica a que o passado tem direito. Não se pode rejeitar de ânimo leve esse direito. E o materialista histórico sabe disso (BENJAMIN, 2012, p. 4).

Aqui, Benjamin fala da importância das possibilidades desses indivíduos. Como que poderiam ter sido suas vidas, se o progresso não lhes tivesse roubado as oportunidades? Ele ressalta que cabe ao historiador também contar essas histórias, reparar a desolação e o abandono do passado. A realização do que poderia ter sido, mas não foi. Não no sentido de previsões do que poderia ter sido – a história não faz isso, talvez isso caiba à ficção –, mas de rememorar que cada fato do passado possuía possibilidades não realizadas. No caso desses indivíduos, é reconhecer suas lutas, desejos, anseios e esperanças. Na tese III, o autor fala da rememoração integral do passado, isto é, todos devem ser salvos do esquecimento, sem distinção entre eles, grande ou pequeno, todos devem ser lembrados.

Por último, sua tese mais célebre, o Anjo da História, a tese de número IX. De acordo como teórico:

A minha asa está pronta para o voo altivo:
se pudesse, voltaria ;
pois ainda que ficasse tempo vivo pouca sorte teria.
GERHARD SCHOLEM, “Gruß vom Angelus”
[Saudação do Angelus]

Há um quadro de Klee intitulado Angelus Novus. Representa um anjo que parece preparar-se para se afastar de qualquer coisa que olha fixamente. Tem os olhos esbugalhados, a boca escancarada e as asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Voltou o rosto para o passado. A cadeia de fatos que aparece diante dos nossos olhos é para ele uma catástrofe sem fim, que incessantemente acumula ruínas sobre ruínas e lhas lança aos pés. Ele gostaria de parar para acordar os mortos e reconstituir, a partir dos seus fragmentos, aquilo que foi destruído. Mas do paraíso sopra um vendaval que se enrodilha nas suas asas, e que é tão forte que o anjo já não as consegue fechar. Esse vendaval arrasta-o imparavelmente para o futuro, a que ele volta as costas, enquanto o monte de ruínas à sua frente cresce até o céu. Aquilo a que chamamos o progresso é este vendaval (BENJAMIN, 2012, p. 12).

A cena autoexplicativa descrita pelo autor nos evidencia a marcha do progresso e as perdas que ela acarretou. Sua locomoção desenfreada produziu uma catástrofe, com pilhas e mais pilhas de escombros, ruínas e corpos. A figura do anjo notadamente exprime choque e descrença perante o acontecido. Ele deseja parar aquilo e reverter as barbáries

feitas, porém não pode. Em meio ao caos, ele deseja unir os fragmentos espalhados sob os destroços. O movimento continua e surgem mais consequências. O ser descrito representa o historiador, que possui a tarefa mestra de procurar nos montes de detritos os pedaços das narrativas que foram subterradas. Dali, contar a história a partir da experiência dos que se perderam, contemplar os que não puderam ser salvos.

O próprio Walter Benjamin também foi um fragmento. Pertencia a um grupo marginalizado e invisibilizado. Ele era judeu e marxista (não dogmático). Depois da ascensão do regime nazista, em 1933, o pensador viveu em exílio na França até 1940. Foi pego pela polícia de Franco tentando atravessar os Pirineus com um grupo de refugiados. Ameaçaram entregá-los a Gestapo. Temendo pelo futuro, ele se suicidou em setembro 1940.

Aplicando as teses e discussões levantadas por Benjamin, podemos perceber o peso dos silenciados na história — a importância que tiveram e ainda possuem nos dias de hoje. Os operários e trabalhadores, quando vistos pela ótica dessa história a contrapelo, aparecem também como protagonistas, assim como todos os demais vencidos. Foram eles, com seu trabalho, que tornaram possível o futuro: ergueram arranha-céus e grandes fábricas, construíram carros e aviões, abriram caminhos para o desenvolvimento. Sem eles a industrialização, a economia e o funcionamento da cidade jamais teriam ocorrido, nem mesmo a cultura, a identidade e as festividades locais seriam as mesmas. Foram eles que, ao se unir e lutar por seus direitos, conquistaram jornadas de oito horas, férias remuneradas e condições mais dignas de vida e de trabalho. Nada disso teria sido possível sem eles.

CONCLUSÃO

Por meio das discussões aqui presentes, percebe-se uma grande importância da trajetória e da narrativa da classe operária para a história da cidade, no entanto ela ainda permanece invisibilizada e escamoteada dos holofotes, com a narrativa tradicional, ainda privilegiando certos grupos dominantes e grandes feitos. O passado monárquico dos tempos do Império, o saudosismo aos grandes empresários e o orgulho dos políticos que aqui veraneavam nos grandes hotéis e mansões acaba por enterrar o passado das pessoas que construíram esta cidade. Walter Benjamin, em suas obras, falava da importância de

resgatar essa narrativa desprezada. O anjo da história vasculhando os escombros gerados pela marcha do progresso, procurava pelos fragmentos dessas vozes silenciadas e enterradas, queria fazer ecoar as experiências e vidas desses subalternizados e marginalizados. O historiador seria essa figura que teria um compromisso para recuperar uma parte do que foi perdido, de fazer uma história a contrapelo. Uma responsabilidade para com a parte silenciada, que também é história, que representa uma realidade. Recobrar essas experiências é de vital importância para a reconstrução da nossa identidade e da nossa cidadania, mostrar que um trabalhador também fez e faz parte da história, reconhecer suas contribuições, dar fala ao que foi esquecido, ampliar o sentido da história e de que ela nos serve. Para encerrar, citando o poema “Perguntas de um Trabalhador que lê” do grande dramaturgo e poeta alemão Berthold Brecht:

Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu?
Em que casas da Lima Dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China,
para onde foram os seus pedreiros?
A grande Roma está cheia de arcos de triunfo:
Quem os ergueu? Sobre quem triunfaram os Césares?
A tão cantada Bizâncio só tinha palácios para os seus habitantes?
Até a legendária Atlântida, na noite em que o mar a engoliu viu afogados gritar por seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou as Índias
Sozinho?
César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha
Chorou. E ninguém mais?
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos.
Quem mais a ganhou?
Em cada página uma vitória.
Quem cozinhou os festins?
Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?
Tantas histórias
Quantas perguntas
(BRECHT, 2000, p. 85)

REFERENCIAS

JORNAIS

A CARESTIA DA VIDA. *A Alvorada*, Petrópolis, 15 jun. 1921. Ano I, n. 5, p. 1.

FANTASMA AZUL. *A Ordem*. Edição n. 3, 10 out. 1917, p. 3.

ANTES DE TUDO. *A Alvorada*, Petrópolis, 31 mar. 1921. Ano I, n. 1, p. 1.

MOVIMENTO OPERÁRIO. *O Comércio*, Petrópolis, ano VII, n. 273, p. 1, 2 ago. 1917.

NUNES, Christian. A história de luta da classe operária de Petrópolis. *A Verdade*, Petrópolis, 23 jan. 2025.

PELA INSTRUÇÃO DOS PROLETARIOS. *A Alvorada*, Petrópolis, 31 mar. 1921. Ano I, n. 1, p. 1.

DOCUMENTÁRIOS

PODCAST #10: HISTÓRIAS DE CASCATINHA – DO LEGADO DA CIA. PETROPOLITANA AO PROGRAMA POR PETRÓPOLIS. Direção: Petrópolis Sob Lentes. Brasil: Petrópolis Sob Lentes, 2025.

POR PETRÓPOLIS: A INDÚSTRIA, MÚSICA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE CASCATINHA. Direção: SOS Serra. Brasil: SOS Serra, 2025.

BIBLIOGRAFIA

BATALHA, Cláudio. *Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo oligárquico*. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Organização e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Disponível em: BENJAMIN - 2012 - O anjo da história.

BRECHT, Bertolt. *Poemas 1913-1956*. Tradução de Paulo Quintela. São Paulo: Editora 34, 2000.

LÖWY, Michael. “*A contrapelo*”: a concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 25/26, p. 20-28, 2º sem. 2010 e 1º sem. 2011.

MESQUITA, Pedro Paulo Aiello. *A formação industrial de Petrópolis: trabalho, sociedade e cultura operária (1870-1937)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MESQUITA, Pedro Paulo Aiello. *Ação do operariado em Petrópolis na Primeira República – a greve de 1918*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo: ANPUH, 2011.

PETRÓPOLIS. Documento Orientador Curricular da Rede Municipal de Petrópolis. Petrópolis: Secretaria Municipal de Educação, 2020.

PETRÓPOLIS. Proposta Curricular – Segundo Segmento do Ensino Fundamental. Petrópolis: Secretaria Municipal de Educação, 2014.

RIBEIRO, Norton. *A Cultura Política dos Jornais Operários em Petrópolis*. In: SILVA, Lucas Ventura; LAGE, Natália da Paz (orgs.). *Petrópolis, entre o conhecido e o (des)conhecido: história, estudos reunidos e novas abordagens*. Petrópolis: Instituto Municipal de Cultura, 2024.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE PETRÓPOLIS. *Apostila de História, Geografia e Turismo/Educação para o Trânsito de Petrópolis para o 9º ano do Ensino Fundamental*, 2016.

SILVEIRA FILHO, Oazinguito Ferreira da. *Contribuição à história da saúde pública em Petrópolis: a gripe espanhola e a questão sanitária em Petrópolis*. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 2010.

SILVEIRA FILHO, Oazinguito Ferreira da. *Petrópolis: a outra, um invisível universo operário*. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 2016.

SILVEIRA FILHO, Oazinguito Ferreira da. *Processo de indexação dos jornais operários petropolitanos*. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1982.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa: v. 1 – A árvore da liberdade*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Coleção Oficinas da História).